



ALÉM DO IMAGINÁRIO INFANTIL: INCURSÕES EMOCIONAIS, EM *O PEQUENO PRÍNCIPE*

Tâmara Duarte de Medeiros; Hermano de França Rodrigues

tamaraduarte.br@gmail.com

Resumo: Uma fantasia pode carrear afetos agradáveis; da mesma maneira, outras, assaz primitivas, podem conduzir o sujeito à dor e à frustração. Para entender as configurações da culpa na obra *O Pequeno Príncipe*, um dos mais célebres textos que abordam a necessidade inconsciente de punição advinda deste sentimento, recorreremos aos estudos desenvolvidos por Melanie Klein, em especial, o texto *Amor, Culpa e Reparação*. Discernimento crucial em psicanálise, a culpa é tida como um ‘evento’ universal, ao mesmo tempo em que se relaciona com a submissão do sujeito à lei. Apresentando-se como sombrio e dotado de um sentimento de estagnação que o leva a sofrer, o protagonista tem, como mais memorável, a opção pelo suicídio, ao alcançar o estado consciente e individual de sua culpa. Assim, nossa investigação busca entender de que modo as representações do amor e do ódio fazem com que o protagonista queira expiar sua incômoda culpa. De que maneira esse sentimento surge como novo elemento na relação entre os personagens, desencadeando os mais fortes impulsos destrutivos. Ademais, procuraremos estabelecer pontos de convergência com o ensino, sobretudo no que concerne à inserção d’*O pequeno príncipe* em sala de aula.

Palavras-chave: Psicanálise – Literatura - Culpa

1. Introdução:

Escrito em 1943, *O Pequeno Príncipe* é uma das obras mais lidas e comentadas da atualidade, naturalmente a fortuna crítica que acompanha a obra, permite que muito se diga acerca dos personagens e dos sentidos transmitidos e intencionais colocados no texto. Há, neste sentido, um conjunto de frases, ditas universalmente que carregam consigo a verdades que falam dialogam, diretamente, com a realidade líquida destes anos modernos. Personagens inesquecíveis marcam a trama, desde a volúvel Flor, que nasce no minúsculo planeta B 612, até a ansiosa e carente raposo, com quem o garoto convive por algum tempo na Terra, eles, enriquecem, nas cenas em que estão, a obra na sua totalidade demonstrando a razão de ser *O Pequeno Príncipe* um clássico da literatura universal.

O público, naturalmente, se identifica com a história que buscam refletir os mais profundos anseios do sujeito, personificando-os em discursos de atores que, além de da incessante busca pela realização do almejam, não conseguem se aperceber de quem os questione no seu pequeno mundo de certezas. Esses personagens se fundamentam em tudo

aquilo, materialmente, possível de se sustentar, ou seja, em



estudos, dinheiros, numa suporta autoridade que possam exercer, ou o repetitivo trabalho que é obrigado a realizar, mas a verdade é que, sob a visão do pequeno aventureiro, seus fundamentos são frágeis, mesmo que, da parte deles, cuidar de uma Flor não seja a melhor razão para se lutar.

Todos, sem exceção, vivem em um pequeno mundo, daí que o pequeno desbravador perpassar pela galáxia, e muitos estão presos em seus próprios mundos, muitas das vezes tão sozinhos quanto o pequeno príncipe. Na Terra, por outro lado, o menino deparou com uma diversidade de sujeitos, animais e flores, em sua maioria, que estão sozinhos, repletos de carência afetiva como é o caso da raposa. O deserto, portanto, tem um forte poder de significados, é nele que a reflexão e as tentações mais duras foram e enfrentados pelos grandes símbolos do cristianismo e é o lugar, a partir do qual, o príncipezinho deseja retornar a sua Flor, antes tão efêmera, agora tão única e especial. O desamparo do deserto possibilitou a reflexão e esta um anseio de retorno as suas origens, ou, dizendo de outra forma, provocou a vontade de voltar ao seu verdadeiro lugar.

Sabendo disso, vemos a responsabilidade de expor um pouco acerca das premissas e conclusões que nortearam o nosso trabalho e permitirão sua elaboração, com base na psicanálise de base freudiana. Buscaremos, em um primeiro momento, analisar, devido ao espaço do qual dispomos, a relação ambivalente que permeia o pequeno nobre com sua Flor, e, já em um segundo momento, verificar a coincidência evidente da serpente que pica o garoto com a jiboia desenhada pelo narrador personagem no começo da história.

2. O feminino frágil e fragilizado pelas relações humanas

A obra de Antoine de Saint-Exupéry é uma das mais célebres entre as obras da literatura universal, talvez, isso se dê pelo fato de *O Pequeno Príncipe* trazer em seu enredo as múltiplas faces do que os filósofos classificam como a natureza humana, esta repleta de conflitos tanto externos quanto internos bem como de fatos que determina e, algumas vezes condiciona, a maneira como o sujeito lida com o mundo ao seu redor. Neste sentido, o romance francês, publicado em 1943, continua prementemente atual, não importando a época em que esteja ambientada a história. Os personagens que compõem as aventuras do pequeno aventureiros podem ser considerados os aspectos extremos dos anseios humanos que manifestam, em nosso entender, algumas assertivas, de



ordem obsessiva, que faz com que, em menor ou maior grau se deteriorem os laços afetivos, ou, nas palavras de Bauman (2004), seja-nos evidente a liquidez destas das mesmas em meio a uma modernidade que tende a (im)perceber o outro, silenciando-o. Há que se constatar haver nisso uma disposição perversa, na medida em que se busca objetificar o outro, inibi-lo, escravizá-lo e, sobretudo, retirar-lhe vestígios de alteridade a fim de que somente por meio deste ato, a satisfação seja obtida. Este é o caso, ao menos em parte, da Flor, primeira personagem com quem o habitante do planeta B 612 tem uma relação de afeto significativo, ela, movida pela volubilidade e a vaidade própria de si, sufoca o garoto com pedidos, exigências, enigmas até que o rapaz, enfadado, e, ao mesmo tempo, incapaz de dar sentido aos sentimentos hostis que a Flor lhe causa com o comportamento dela, decide abandoná-la, partindo na exploração de outros planetas já que, do contrário, preso a ela, não teria como vivenciar nada que houvesse externo ao seu pequeno mundo, no qual, digamos, ele era o único soberano.

Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. [...] Ela queria aparecer no esplendor da sua beleza. Ah! Sim. Era muito vaidosa. Sua misteriosa toailete durara dias e dias. E eis que numa bela manhã, justamente à hora de o sol nascer, ela se mostrou. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.29).

A Flor que nascera na terra de seu pequeno planeta era, na concepção do príncipe, a mais bela de todas que anteriormente ele viu, e, certamente por considera-la bela, não se furtou a cumprir os mais caprichosos desejos, que variava desde objetos que podiam preservar-lhe a vida e a beleza, até mesmo, algo que pudesse manter o menino a seus pés¹. Esta forma intrusiva de agir a coloca, já num primeiro momento, em um patamar bastante simbólico de maldade, do ponto de vista do senso comum, uma vez que o pequeno príncipe, enquanto uma criança seria o que nossa sociedade, regida pelos protocolos cristãos, classificaria como um sujeito inocente, ou seja, alguém desprovido, quer por que não esteja plenamente desenvolvido, quer por questões de ordem religiosa, de sentimentos hostis ou a capacidade de se negar, assertivamente, a cumprir o desejos desta flor². Citando Rougemont (1988, p.43):

Paixão quer dizer sofrimento, coisa sofrida, preponderância do destino sobre a pessoa livre e responsável. Amar o amor mais que o objeto do amor, amar a paixão

¹ Utilizamos aqui uma linguagem bastante figurada: a Flor demonstrava, em muitos momentos, comportamentos sádicos referentes ao seu cuidador e não se importava em magoá-lo, caso isso lhe desse algum prazer.

² Defendemos, neste trabalho, a linguagem simbólica da obra, e, uma vez que nossa teoria é a psicanálise, reforça nossa tese de que há significados bastante compreensíveis de relações edípicas, não reelaboradas pela personagem principal.



por si mesma, desde o *amabam amare* de Santo Agostinho até o romantismo moderno, é amar e procurar o sofrimento. Amor-paixão: desejo daquilo que nos fere e nos aniquila pelo seu triunfo. [grifo do autor]

A necessidade deste sofrimento provocava, no pequeno príncipe, uma espécie de gozo, quando acreditava que a pequena Flor era indefesa sem seu auxílio, a verdade é que, somente longe dela se apercebeu que era, realmente, feliz, ainda que ela se colocasse como um ser intrusivo e indiferente a sua dor. De qualquer forma, a relação de ambos é minada a cada dia que passa devido a esses caprichos, obrigando o garoto a querer, ainda que não explicita em seu discurso a efetuar um corte necessário. E, vale mencionar, a Flor sabia como prendê-lo a si e o fazia por meio da culpa que incutia no rapaz, sempre demandando cuidados que, na lógica do mundo onde vivia, não era esperado “Assim, ela logo atormentou-o com sua vaidade exagerada. [...] o pequeno príncipe, apesar da boa vontade do amor, logo começara a duvidar dela.” (Ibid, p.30-31). Logo, a saída, como afirmamos acima, foi racionalizar de que era mister sair do pequeno mundo onde vivia e explorar a galáxia.

3. Um luto necessário: a morte da infância

A história de O Pequeno Príncipe é narrada em primeira pessoa de modo que, o seu narrador, participa ativamente da trama e, eis um diferencial, tem ciência dos desejos e impressões subjetivas do pequeno aventureiro. Em pequeno, o narrador-personagem havia se impressionado com um desenho num livro de Histórias, a figura era, simplesmente, a de uma jiboia que enrolando um urso e o sufocando, abria a boca para o devorar. Não só a impressão que adveio desta gravura como também o desejo de transmitir a surpresa que o causou, o levou a tentar reproduzi-la e compartilhar com os adultos ao seu redor, mas, as pessoas grandes, tidas como grandes entendidos em assuntos complexos, simplesmente, ignoravam o desenho ou davam-lhe outro sentido:

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo.

Eles me responderam: “Por que um chapéu daria medo?”

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. [...] (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.7-8)



Logo a criança foi convencida a acreditar de que, no mundo adulto, não importava os desenhos que impressionavam ou, sequer a imaginação de maneira que, ainda que tivesse crescido, viveu, nas palavras dele, “só, sem alguém com que pudesse realmente conversar[...]”(Ibidi, p.9). O que está por trás destas palavras é, necessariamente, o não desvinculamento deste personagem da infância e de suas fantasias que permitem o infante a se constituir sujeito, ao mesmo em que as frustrações impostas pelos adultos cumpriram o papel de permitir a ação do principio de realidade, separando-o, ainda que não plenamente, do mundo imaginário.

Conforme o narrador revela, a única vez que ele pode, realmente, conversar havia sido quando, devido a problemas técnicos com o avião que pilotava, deparou-se com um menino, bem vestido, louro, que, apesar de estar no deserto, não demonstrava o mínimo cansaço ou desespero por estar naquele lugar, sozinho. Impetuoso e, sobretudo, educado, o garoto pediu-que lhe desenhasse um carneiro. Apesar de surpreso o narrador tentou argumentar que não sabia desenhar. Na verdade, segundo deixa claro em sua narrativa, os estudos acadêmicos o haviam feito perder esta habilidade, o garoto parecia não se importar de modo que insistiu e, de mau humor, o narrador fez o que lhe foi solicitado.

Como jamais houvesse desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que sabia. O da jiboia fechada. [...]

-Não! Não! Eu não quero um elefante num jiboia” (Ibid, p.12)

A surpresa não poderia ser menor: como um menino podia saber o sentido do que desenhara, sendo que nem mesmos os adultos, com quem conviveu se aproximaram?³ Não temos nenhuma dúvida ao afirmar que o garoto, que está no deserto e o narrador, correspondem, a mesma pessoa, não há nisso, evidentemente, nenhum tipo de comportamento alucinatório por parte do narrador-personagem, mas, sim, uma tentativa de, no campo fantástico, efetuar um corte necessário a essa parte da infância ainda não reelaborada.

Freud, em seu artigo escrito em 1915, *Luto e Melancolia*, versa sobre as dominantes destes dois processos psíquicos que podem ocorrer na vida do sujeito, para o mestre vienense o luto é “a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.” (Freud, 2010, p.128), ou seja, é o efeito esperado e

³ A resposta a esta questão é a razão pela qual, nossa pesquisa tem como base teórica a psicanálise, o texto de Saint-Exupéry é rico nas analogias que faz: a narrativa traz uma personificação aos anseios mais secretos do ser humano, o que explica, de certa maneira, sua atualidade e sucesso de vendas.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

natural da passagem de uma passagem a outra da vida, se considerarmos que, de uma fase a outra, temos de dar adeus aquilo que ante, nos fazia bem de algum modo. Defendemos que a infância faz parte deste processo, pois, tão logo o sujeito cresça em idade, os cuidados dos pais são dispensados, no sentido de que as figuras parentais já não perdoam as travessuras do adulto, criticando seu comportamento imaturo. Do ponto de vista social e civilizatório, o sujeito deve se portar de acordo com a idade que possua a fim de se colocar e conviver com pessoas semelhantes a ele. Neste caso, as oportunidades de trabalhos poderão ser direcionadas àquele que tenha uma capacidade de se desvincular desta infância e assumir um conjunto de ações coerentes com que se espera de um adulto, isto é, estude, trabalhe e constituía, dentro de uma lógica burguesa, uma família elementar. A narrativa em foco nos mostra um sujeito que, por frustração, aceitou o mundo adulto e sua responsabilidade, mas se sentia extremamente sozinho, já que este mundo não era, como não foi, capaz de compreender um simples desenho que fizera, além disso, este mundo o convencera de que ele devia voltar-se para atividades bem mais produtivas, do ponto de vista social, esquecendo-se dos desenhos inúteis.

Se considerarmos o contexto sócio-histórico no qual o personagem está, provavelmente, nos depararemos com uma sociedade movida pela ideal burguês, onde, tanto quanto a mulher tinham funções (pré)determinadas no núcleo familiar, ou seja, enquanto que o homem devia trabalhar a fim de sustentar a família, a mulher cabia estar no meio doméstico, cuidando e educando os filhos que nasceram desta relação, segundo aponta Roudinesco:

A ordem familiar econômico-burguesa repousa portanto em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos. Mas, ao se outorgar à mãe e à maternidade um lugar considerável, proporciona-se meios de controlar aquilo que, no imaginário da sociedade, corre o risco de desembocar em uma perigosa **irrupção do feminino** [...] (2003, p.21, grifo nosso).

A mulher passou a ter papel fundamental na instituição familiar, tornando-se a responsável direta por inculcar a ideologia burguesa na mente de seus filhos, não é de se estranhar, portanto, que os adultos tivessem se expressado de modo indiferente aos desejos do infante com relação ao desenho que lhes mostrara já que, certamente, das muitas atividades com as quais se podiam ter uma estabilidade financeira, não se encontrava a do desenhista.

É de suma importância que tenhamos esta noção para que façamos uma associação de fatos ocorridos no enredo: não nos foge o fato de que o

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



pequeno príncipe tinha uma enorme culpa pelo fato de, como expusemos acima, ter abandonado a Flor, sentimento esse que aumentou quando encontrava-se e dialogava com os outros personagens que passou a conhecer em sua passagem pela Terra, como foi o caso da Raposa, personagem arredia, mas extremamente amorosa que incutiu na cabeça do menino que ele, tão somente, era o responsável por aquilo que cativava.⁴ (Saint-Exupéry, 2015, p.67). Com o aumento desta culpa, o menino acredita que nas palavras da serpente que o convence de uma forma eficaz para que retorne ao seu pequeno mundo já que ele sente saudade de sua Flor, única e, por isso, especial. O garoto deixa-se picar pela cobra, não obstante, o narrador haver tentado dissuadi-lo, no entanto, como das outras vezes, o rapaz se mostrava irreduzível em mudar seus planos e ideias e se entregou ao doce embalo da morte que o arrastava de volta ao seu lugar:

- Tu sabes... minha flor... eu sou responsável por ela! Ela é tão frágil! Tão ingênu! Ela tem quatro espinhos para defende-la do mundo...[...]

Tombou bem devagar como tomba uma árvore. Nem fez barulho, por causa da areia. (Ibid, p.89)

Não nos esqueçamos de que, não por coincidência, o desenho que impressionou o narrador-personagem e o qual ele tentava reproduzir era uma serpente, engolindo um grande animal. Dessa forma, apesar de sua clara maldade, a serpente foi capaz de matar a criança que, conforme supomos, ainda morava no protagonista, no momento em que ele foi capaz de refletir acerca dos interditos que sofrera.

4. Considerações finais:

Neste trabalho buscamos, considerando a fortuna crítica que possui uma das mais célebres obras da literatura universal, fazer uma abordagem em que o foco esteve nas similitudes que encontramos tanto no narrador personagem quanto no pequeno príncipe, o que constatamos por meio do desenho que, somente eles, sabiam o sentido. É interessante observar que o narrador só consegue se sentir, realmente, junto a alguém quando encontra este garoto, com quem se identifica e ouve as histórias de suas aventuras.

Defendemos neste trabalho que ambos correspondiam a mesma pessoa, diferenciando-se, é verdade, no que acreditamos ser a maneira pela qual o mundo líquido ou burguês agiu sobre eles: de um lado tínhamos um adulto que, mesmo obrigado a viver como adulto, se

(83) 3322.3222. Os sentidos bem explícitos acerca de relacionamentos de ordem afetiva que poderíamos expor neste artigo, mas preferimos forçar, especificamente, na Flor em sua relação com os demais personagens.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

conformou parcialmente com a realidade, por outro uma criança que, em sua simplicidade, demonstrou a verdadeira obsessão que marca agentes sociais.

Neste sentido, era inevitável que, em algum momento, o (re)encontro ocorresse para que, com o devido corte(a picada da serpente) em um lugar mais do que propício (o deserto)este adulto pudesse viver o luto desta infância ainda não reelaborada por longos anos. Desta forma, *O Pequeno Príncipe* põe em cena não só os anseios mais secretos dos sujeitos, mas descobre a criança no adulto.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: **Obras completas – Volume 12**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Tradução: Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Editora Escala, 2015.